

---



*Manuel A. M. Payés (\*)*

***Estabilização de preços e  
padrão de vida básico do  
sorocabano(\*\*)***

(\*) Doutor em Economia pela UNICAMP e professor do Departamento de Economia da Universidade de Sorocaba — UNISO.

(\*\*) Participaram da pesquisa os estagiários de Ciências Econômicas da UNISO junto ao PROCON de Sorocaba, Sandro Randazzo, Sílvia R. P. Novaes, Adriana B. Monteiro, Kátia A. B. Matheus e Andréia R. do Prado

### **RESUMO**

O artigo procura mostrar quais foram as principais modificações no padrão de vida básico do sorocabano, decorrentes da estabilização de preços alcançada pelo Plano Real. A análise dos dados de atualização de marcas, do volume médio de compras e do preço médio dos produtos da cesta básica evidencia, primeiro, que melhorou a refeição do almoço; segundo, que houve substituição de bens inferiores por superiores; e, finalmente, que os sorocabanos também optaram por trocar de marca, substituindo as inferiores por superiores. Noutras palavras, a pesquisa mostra que os consumidores de Sorocaba conseguiram melhorar o padrão de vida básico no Plano Real, isto é, o padrão de vida restrito à alimentação, higiene e limpeza doméstica.

### **ABSTRACT**

*This article tries to show which main changes have occurred in the basic standard of living of the population of Sorocaba resulting from the price stability achieved by the "Plano Real" (\*). The analysis of data of up-to-date brands, of the average amount of purchasing and the average price of the consumer's basic meal products shows, first of all, that the lunch ingredients have been enriched; secondly, that there was a replacement of inferior goods by prestige goods; and finally, that the inhabitants of Sorocaba have also chosen to change brands, replacing the ones of poorer quality by others of better quality. Summing up, the research shows that the consumers from Sorocaba were successful in improving their basic standard of living during the "Plano Real", concerning food, hygienic products and household cleaning materials.*

*(\*) "Plano Real": an economic plan, the "Royal Plan", established by the government along with the change of the national currency.*

## INTRODUÇÃO

É inquestionável que o Plano Real apresenta notável resultado na contenção da inflação e na desindexação da economia. Habitados a conviver até junho de 1994 com taxas mensais de inflação de 40 a 60% ( ou de mais de 1000% ano), hoje convivemos com taxas mensais que giram em torno de 0,5% (ou cerca de 10% ano).

Trata-se, evidentemente, de uma mudança muito brusca com impactos na renda e consumo da população, particularmente daquela que não podia proteger-se da alta e persistente inflação.

Este artigo procura mostrar quais foram as principais modificações no padrão de vida básico do sorocabano, decorrentes da estabilização de preços alcançada pelo Plano Real.

## A ESTABILIZAÇÃO

A política econômica do Plano Real conseguiu controlar a inflação crônica que durante muitos anos castigou a sociedade, particularmente os segmentos mais pobres. Esse notável triunfo decorreu de um prévio mas precário ajuste fiscal, notadamente através do remanejamento das receitas, assegurado pelo Fundo Social de Emergência para 1994 e 1995; do engenhoso e original mecanismo de desindexação, a URV; da excelente safra agrícola 1994/95 e, fundamentalmente, da adoção da âncora cambial<sup>1</sup>.

A essência da âncora cambial não é a relação de câmbio fixa com uma moeda internacionalmente forte e estável, como o dólar, por exemplo, que apresenta nas economias com inflação crônica grande confiança e aceitação<sup>2</sup>. O fundamental é a valorização da nova moeda, em consequência da inflação residual e da maior inflação interna remanescente pós-plano vis-à-vis à externa. Essa valorização cambial leva, por um lado, à explosão das importações e a persistentes

---

1. Ver GALVANI, Claudemir (org.). **Brasil e América Latina no Processo de Estabilização Econômica**. São Paulo: EDUC, 1995 (Cadernos PUC Economia) e SAWAYA, Rubens R. (org.). **O Plano Real e a política econômica**. São Paulo, EDUC: 1996 (Cadernos PUC Economia).

2. Ver BRESSER, P & FERRER, A. Dolarização Crônica. **Revista de Economia e Política**, vol. 11, n 3 (41), 91.

déficits na Balança Comercial<sup>3</sup>, mas por outro, ao aumento da concorrência interna e ao controle da elevação de preços<sup>4</sup>.

Todavia, para que a valorização cambial leve ao acirramento da concorrência e à contenção da elevação de preços, foi preciso, complementarmente, acentuar a abertura comercial, isto é, reduzir drasticamente as tarifas de importação e demais barreiras ao livre comércio. O programa de redução gradual das tarifas de importação e o Mercosul são provas claras do desejo de acentuar a abertura comercial no Plano Real.

Dessa maneira, a âncora cambial e a abertura comercial asseguraram consideravelmente a contenção do processo inflacionário através, de um lado, do aumento das importações e da oferta interna e, de outro, do acirramento da concorrência. Como se sabe, a partir do segundo trimestre de 1995, face ao “efeito-tequila” e à ausência do ajuste fiscal, a manutenção da estabilização de preços apoiou-se adicionalmente na política monetária contracionista, também conhecida como a “âncora monetária”, que elevou brutalmente os juros e restringiu fortemente o crediário. A partir de junho de 1995, essa política monetária tem sido gradativamente afrouxada, principalmente reduzindo os compulsórios sobre depósitos e as restrições creditícias.

### O AUMENTO DA RENDA E DO CONSUMO

O benefício mais imediato da estabilização de preços foi o aumento de renda obtida pelos mais pobres, principalmente como consequência da queda brutal do imposto inflacionário. Face à crescente inflação, esse imposto consistia na perda de poder de compra do salário da população mais pobre. Com efeito, como o salário nominal não se gasta todo no dia do pagamento, mas no decorrer do mês, a parte gasta após o dia de pagamento adquiria menos bens e serviços, pois os preços tinham-se elevado e essa população, por outro lado, não tinha acesso às aplicações financeiras de curto prazo que, em alguma medida, protegiam o salário real da crescente inflação, simplesmente porque a população mais carente não dispõe de conta corrente em Bancos. Segundo o IPEA<sup>5</sup>:

A introdução do Plano Real, com redução instantânea das taxas de inflação, trouxe uma mudança radical no quadro anteriormente descrito. Do ponto de vista

---

3. Ver BATISTA Jr., Paulo N. Dolarização, âncora cambial e reservas internacionais. **Revista de Economia e Política**, vol. 13, n 3 (51), 93 e FRANCO, G. Gradualismo e Dolarização. **Revista de Economia e Política**, vol. 13, n 2 (51), 93.

4. Ver **Boletim de Conjuntura**. Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, vol 14 (3), out/94, pgs. 8-16.

5. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Carta de Conjuntura IPEA**. Rio de Janeiro, n 62, fev. 1996.

da evolução dos determinantes da pobreza, o Plano permitiu não apenas que se mantivesse o crescimento da renda per capita observado nos dois anos anteriores (que em 1995 foi de 2,7%), mas também que este crescimento fosse acompanhado por forte redistribuição da renda: enquanto os 50% mais pobres aumentaram sua participação em 1,2 ponto percentual, os 20% mais ricos perderam 2,3 pontos.

Também os resultados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios -Pnad do IBGE, recentemente tornados públicos<sup>6</sup>, confirmam a melhora na distribuição de renda no Brasil pós-Plano Real. De acordo com esses resultados, entre 1993 e 1995, a renda dos 10% mais ricos passou de 49,8% para 48,2% do total, enquanto que a dos 20% mais pobres passou de 2,7% para 3,3%. Ainda segundo o Instituto Economia da UFRJ<sup>7</sup>:

Outro resultado positivo (e surpreendente pela intensidade) consistiu na forte elevação dos rendimentos do trabalho e na melhoria na distribuição de renda aí implícita, observada da criação do Real até hoje. Segundo o IBGE, o rendimento médio do trabalho das pessoas ocupadas nas seis principais regiões metropolitanas do País subiu, em termos reais, 24% entre julho de 94 e abril deste ano. Este aumento real de renda beneficiou tanto os trabalhadores com carteira, quanto os sem carteira e conta própria, mas foi mais acentuada nas duas últimas categorias (sobretudo nos conta própria, cujo rendimento médio real subiu 40%).

Por outro lado, como a propensão marginal ao consumo (PmgC) dos segmentos sociais mais pobres é muito alta, o resultado subsequente do aumento de renda foi a ampliação do consumo. Ao elevar a renda e consumo, a estabilização de preços do Plano Real parece ter modificado o padrão de vida do brasileiro, notadamente do mais pobre. Com efeito, os poucos estudos disponíveis apontam nessa direção. Recente pesquisa do DIEESE<sup>8</sup> realizada durante o Plano Real identificou alguns hábitos novos de consumo relativos a equipamentos domésticos:

Conforme apurou a POF 1994/95, o consumo de alguns itens, como disco de vinil, foi muito reduzido durante a pesquisa de campo, ou simplesmente não ocorreu, caso da TV preto e branco. Em compensação, despontam novos produtos na pauta de consumo das famílias paulistas, como forno de microondas, aparelhos de "compact disc (CD), de vídeo-laser e vídeo-cassete, além de fitas de vídeo em sistema de locação.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios-Pnad do IBGE também evidenciam a ampliação do consumo de produtos da linha branca.

---

6. Melhora a distribuição de renda no Brasil, *Folha de S. Paulo*, 6/set/96.

7. Instituto de Economia /UFRJ. *Boletim de Conjuntura*. Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, vol. 16 (2), jul/96, p. 7.

8. DIEESE. *Pesquisa de Orçamentos Familiares 1994/95*. São Paulo: mimeo, agosto 1996, p. 15.

Entre 1993 e 1995, o percentual de domicílios brasileiros com geladeiras passou de 71,7% para 74,8%, com freezers de 12,9% para 15,4% e com máquinas de lavar roupa de 24,3% para 26,6%. Ainda segundo a Eletros (associação que reúne os fabricantes de eletrodomésticos), entre jan-jul/95 e jan-jul/96 as vendas de refrigeradores aumentaram 30%, de freezers verticais 17%, de congeladores horizontais 6%, de lavadoras automáticas 38%, de fogões 9%, de condicionadores de ar 17% e de fornos microondas 67%<sup>9</sup>.

Todavia, dificilmente as modificações no padrão de vida ocorreram por igual em todas as cidades. É de esperar-se que, a despeito da elevação de renda conseguida pelo ocupados no Plano Real, nas cidades onde a indústria mais foi afetada e o desemprego pós-Real foi mais intenso, não houve provavelmente melhora do padrão de vida. Isto levanta a seguinte questão: houve melhora do padrão de vida do sorocabano?

### MAIS E MELHOR CARNE NO ALMOÇO

A primeira atualização de marcas, do volume médio de compras e do preço médio dos produtos da cesta básica de Sorocaba, permite tratar dessa questão ainda que parcialmente. Essa pesquisa, realizada a partir de uma amostra estratificada de cerca de 1800 consumidores com renda mensal familiar de até 10 salários mínimos, sendo 75% de até 5 salários, confronta dados coletados em junho de 1996 com os de junho de 1995 e mostra importantes mudanças no padrão de vida 'básico', isto é, no padrão de vida restrito à alimentação, higiene pessoal e limpeza doméstica.

A tabela 1 apresenta a variação percentual entre 1995 e 1996 do volume médio de compras e também dos preços médios reais de todos os produtos da cesta básica de Sorocaba. Note-se, primeiro, que a maior parte dos produtos teve redução de

**Tabela 1** Variação % do volume médio de compras e do preço médio dos produtos da cesta básica de Sorocaba

Produto	Variação 96/95 em %	
	Volume	preço real
Frango (1kg)	47%	-6%
Sal (1kg)	41%	1%
Carne 1ª (1kg)	33%	-1%

9. Cresce disputa nos eletrodomésticos. *Folha de S. Paulo*, 18/set/96.

Lingüiça fresca (1 kg)	32%	-18%
Extrato de Toma (370gr)	25%	-14%
Óleo de Soja (900ml)	9%	-12%
Sabonete (90gr)	4%	-4%
Detergente (500ml)	2%	1%

Cebola (1kg)	0%	-23%
Salsicha (1kg)	0%	-19%
Carne 2ª (1kg)	0%	-15%
Papel Higiênico (pac 4un.)	0%	-14%
Café (pacote 500gr)	0%	-2%
Alho (200gr)	0%	20%
Feijão (1kg)	0%	39%
Batata (1kg)	0%	57%

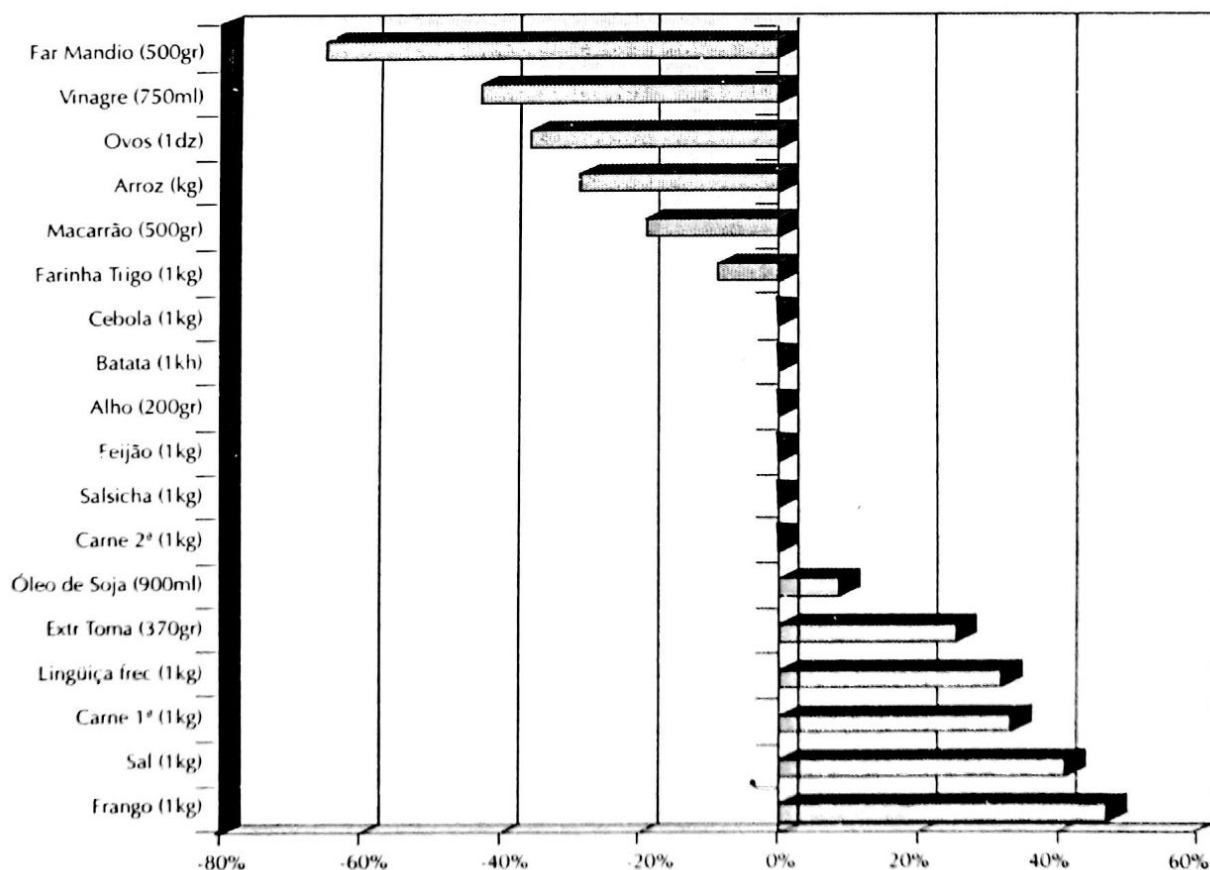
Achocolatado (400gr)	-8%	-5%
Absorvente (pac 10un.)	-9%	-4%
Farinha Trigo (1kg)	-9%	15%
Açúcar refinado (kg)	-11%	3%
Margarina (500gr)	-13%	-12%
Sabão em pé (1kg)	-17%	-7%
Desodorante spray (90ml)	-18%	-2%
Macarrão (500gr)	-19%	-2%
Creme Dental (90gr)	-20%	-3%
Água Sanitária (1lt)	-23%	-11%
Biscoito Água/Sal (200gr)	-24%	7%
Sabão Barra (pac 5un.)	-25%	-10%
Mussarela fatiada (1kg)	-27%	46%
Arroz (kg)	-28%	-6%
Ovos (1dz)	-36%	48%
Vinagre (750ml)	-43%	-17%
Leite em pó (400 gr)	-51%	-12%
Farinha mandioca (500gr)	-65%	8%

preço (23 bens ou 68%). Segundo, que nem todos os bens da cesta que tiveram redução de preço sofreram aumento do volume médio de compras. Na realidade, apenas a lingüiça fresca, extrato de tomate, óleo de soja, frango, sabonete e carne de primeira experimentaram crescimento do consumo. Finalmente, do grupo que teve alta de preço (11 bens) quase a metade (45%) não sofreu redução de consumo. É o caso do detergente, sal, alho, feijão e batata.

Dessa maneira, os dados colocam uma outra questão: por que razão os sorocabanos aceitaram aumentar o volume médio de compras de alguns, mas não de todos os produtos da cesta que tiveram redução de preço? Ou, inversamente, por que razão decidiram reduzir as compras de grande parte dos bens, mesmo quando tiveram redução de preço?

O gráfico 1 permite abordar essa questão. Esse gráfico mostra a variação percentual do volume de compras dos alimentos freqüentes na refeição do almoço. Note-se que os alimentos com redução do consumo geralmente são os considerados de menor qualidade nessa refeição. Além disso, grosso modo, são os mais baratos (ver coluna2 da tabela 2). Em compensação, aumentou o consumo de alimentos de melhor qualidade e mais caros. Assim, a carne de primeira e a

Gráf. 1 Variação percentual entre 95 e 96 no volume de compras de alimentos freqüentes no almoço



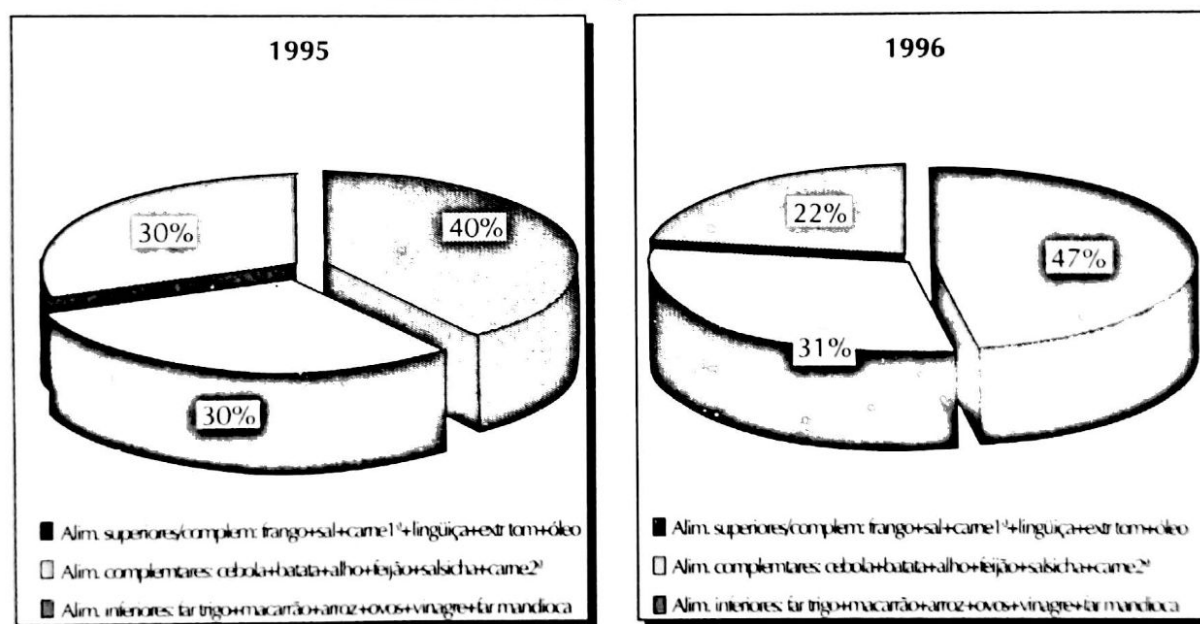


lingüiça fresca são os bens mais caros na refeição do almoço, enquanto que o frango é mais caro que ovos e macarrão.

Já a alta no consumo de sal, extrato de tomate e óleo de soja tem outra explicação. Esses bens, mais do que cebola, batata, alho e feijão, apresentam maior complementaridade em determinadas refeições que utilizam mais intensamente carne de primeira, lingüiça fresca e frango, como por exemplo, em churrascos, bifes, frango à passarinho (talvez, reduzindo o frango com farofa), etc.

Resumindo, na refeição do almoço, os sorocabanos optaram por reduzir as porções de alimentos considerados inferiores e aumentaram as dos superiores e/ou mantiveram as porções dos complementares. Essa opção, por outro lado, se refletiu na composição do gasto mensal com o almoço: aumentou a despesa com alimentos superiores e complementares de 40% para 47% e caiu o gasto com alimentos inferiores de 30% para 22% (ver gráfico 2).

Gráf. 1 Participação % dos respectivos grupos de alimentos no gasto mensal com o almoço em 1995 e 1996



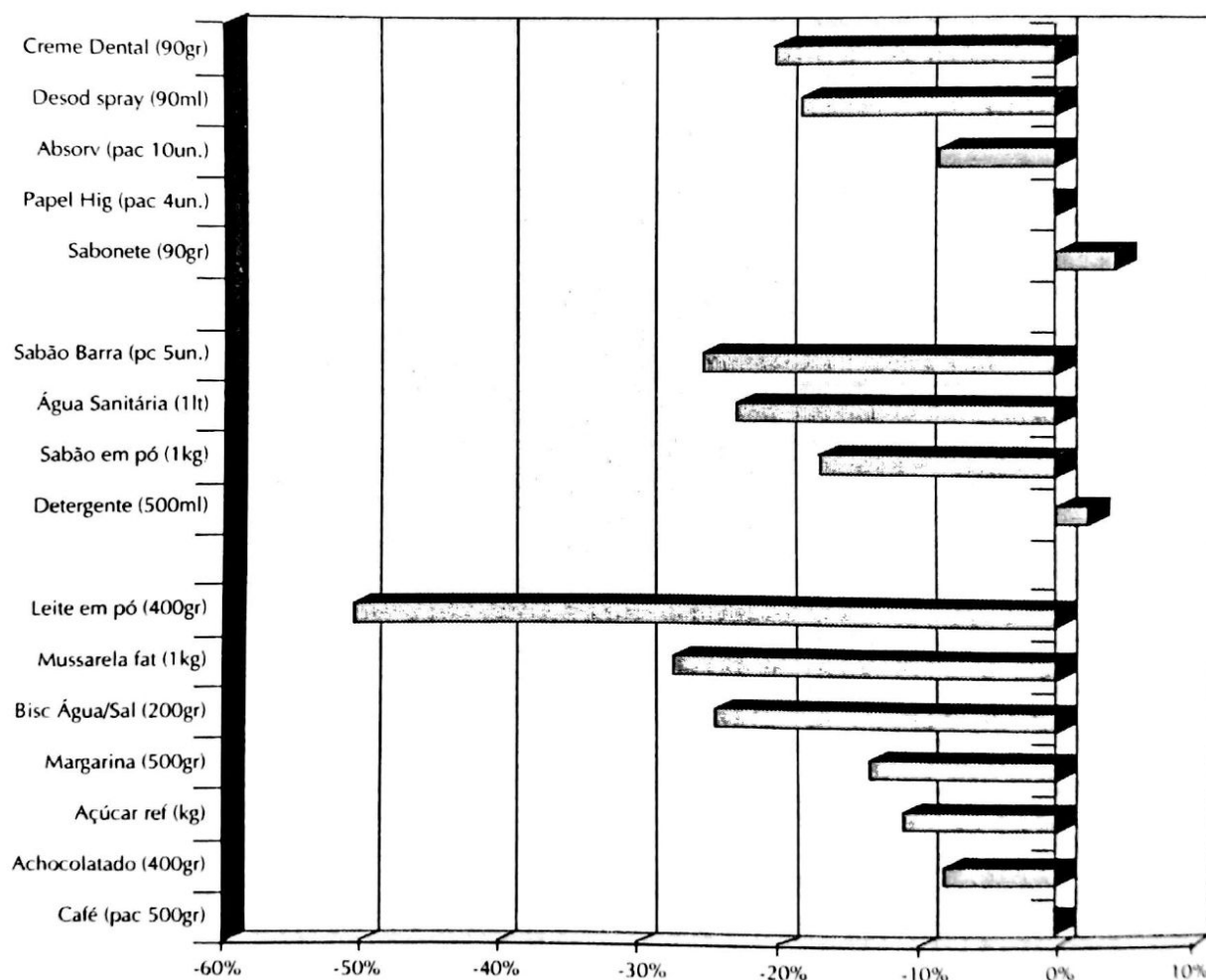
## A SUBSTITUIÇÃO DE BENS

Nesse sentido, houve substituição de alimentos na refeição do almoço. Com efeito, parece razoável admitir que o aumento das porções de carne de primeira, frango e lingüiça fresca substituíram, ainda que parcialmente, as porções de macarrão, arroz e ovos.

Na realidade, a substituição parece mais ampla do que a sugerida pelos gráficos 1 e 2. Primeiro, porque, a despeito da queda de preços em muitos casos, houve

redução generalizada do volume de compras dos demais produtos da cesta. Repare-se no gráfico 3 que, no conjunto de alimentos freqüentes no café da manhã (parte inferior do gráfico), apenas o pó de café não sofreu redução no volume de compras, certamente porque esse bem não tem bons substitutos. De fato, enquanto a substituição de café em pó por café instantâneo, por exemplo, é relativamente mais difícil, achocolatado, açúcar, margarina, biscoito água e sal, mussarela e leite em pó são mais facilmente substituídos por dietéticos, vitaminas instantâneas, adoçantes, manteiga, biscoito recheados, requeijão, leite longa vida, etc.

Gráf. 3 Variação percentual entre 95 e 96 no volume de compras de artigos de higiene, limpeza e alimentos freqüentes no café da manhã



Já entre os artigos de higiene pessoal (parte superior do gráfico 3), a aquisição de desodorantes a seco e absorventes internos podem estar substituindo, respectivamente, o desodorante spray e absorvente externo. A redução do volume de compras do creme dental, entretanto, pode ter uma outra explicação, pois é difícil que os líquidos de higiene bucal estejam substituindo esse artigo.

Por último, entre os artigos de limpeza doméstica (parte do meio do gráfico 3), a água sanitária pode estar sendo substituída por outros desinfetantes considerados pelos consumidores como superiores. Todavia, nos casos de sabão em barra e sabão em pó, que também não têm bons substitutos, a redução do volume de compras pode estar ligada ao aumento das compras de máquinas de lavar roupa (principalmente, os 'tanquinhos'), que permitem uniformizar as quantidades utilizadas e, por tanto, permitem reduzir o uso desses artigos.

Isto significa, aparentemente, que a substituição de bens foi menos intensa no almoço e muito mais no café da manhã, higiene pessoal e limpeza doméstica. A substituição de bens, por outro lado, foi a maior responsável pela redução do custo da cesta básica de R\$ 145,93 para R\$ 137,91 reais (uma queda de -5,5%) verificada no segundo semestre de 1996.

### **PREFERÊNCIA PELAS MELHORES MARCAS**

Em segundo lugar, a substituição parece ter sido mais ampla porque não se limitou a bens, mas compreendeu também marcas. A tabela 2 mostra a marca preferida em junho de 1995 e em junho de 1996 para cada um dos bens da cesta (colunas 3 e 4). Repare-se, primeiro, que, com exceção da marca do papel higiênico, a marca preferida em 1996 é superior à de 1995. O caráter 'superior', evidentemente, não se refere necessariamente às propriedades ecológicas, técnicas, etc., mas ao fato de assim serem reconhecidas pelos consumidores, quer pela influência da cultura, da ação da propaganda ou, ainda, pela experiência própria.

Além disso, a marca preferida em 1996 é em 60% dos casos mais cara que a de 1995 (ver coluna 5 da tabela 2). Essa situação se observa tanto naqueles bens que tiveram aumento do volume de compras (carne de primeira, lingüiça fresca, extrato de tomate, óleo de soja e sabonete) quanto naqueles que tiveram redução de compras (arroz, vinagre e açúcar).

**Tabela 2** Preço médio dos produtos da cesta básica, principais marcas preferidas em 1995 e em 1996 e diferenças de preço em jun/96.

Produto	preço Jun/96 (R\$)	marcas mais preferidas		Diferença no preço de marcas em jun/96 (%)
		1995	1996	
<b>Almoço</b>				
Frango (1kg)	1,28	Maristela	Sta Rita	-5%
Sal (1kg)	0,28	Cisne	Cisne	0%
Carne 1ª (1kg)	3,89	Cx Mole	Alcatra	5%
Lingüiça fresca (1kg)	2,86	Sadia	Aurora	28%
Extrato de Tomate (370gr)	0,85	Etti	Elefante	30%
Óleo de Soja (900ml)	0,84	Soya	Lisa	7%
Carne 2ª (1kg)	2,06	Acém	Acém	0%
Salsicha (1kg)	2,03	Pena branca	Sadia	-
Feijão (1kg)	1,14	Camil	Vencedor	-6%
Alho (200gr)	1,67	Ajomar	disponível	17%
Batata (1kg)	0,87	granel	granel	0%
Cebola (1kg)	0,68	granel	granel	0%
Farinha Trigo (1kg)	0,80	Dona Benta	Dona Benta	0%
Macarrão (500gr)	0,82	Renata	Renata	0%
Arroz (kg)	0,70	S. Pedro	Tio João	24%
Ovos (1dz)	1,23	Tonon	disponível	-15%
Vinagre (750ml)	0,59	Vitália	Castelo	21%
Farinha Mandioca (500gr)	0,50	Yoki	Yoki	21%0%
<b>Café</b>				
Café (pac 500gr)	2,79	Pilão	Pilão	0%
Achocolatado (400gr)	1,71	Nescau	Nescau	0%
Açúcar refinado (kg)	0,64	Dolce	União	30%
Margarina (500gr)	1,19	Doriana	Doriana	0%
Biscoito Água/Sal (200gr)	0,58	São Luis	São Luis	0%
Mussarela fatiada (1kg)	7,39	Nazareno	Sadia	-
Leite em pó (400gr)	2,90	Ninho Inst.	Ninho Inst.	0%

<b>Limpeza doméstica</b>				
<i>Detergente (90gr)</i>	0,47	<i>Minerva</i>	<i>Minerva</i>	0%
<i>Sabão em pó (1kg)</i>	2,01	<i>Omo</i>	<i>Omo</i>	0%
<i>Água Sanitária (1lt)</i>	0,73	<i>Brilhante</i>	<i>Candida</i>	-11%
<i>Sabão Barra (pc 5un.)</i>	1,23	<i>Brilhante</i>	<i>Brilhante</i>	0%
<b>Higiene pessoal</b>				
<i>Sabonete (90gr)</i>	0,35	<i>Gessy</i>	<i>Lux suave</i>	23%
<i>Papel Higiênico (pac 4un.)</i>	1,40	<i>Neve</i>	<i>Sublime</i>	-36%
<i>Absorvente (pac 10un.)</i>	1,45	<i>Modess Normal</i>	<i>Sempre Livre</i>	-8%
<i>Desodorante spray (90ml)</i>	1,18	<i>Phebo</i>	<i>Phebo</i>	0%
<i>Creme Dental (90gr)</i>	0,93	<i>Kolynos</i>	<i>Kolynos</i>	0%

## CONCLUSÃO

A pesquisa de atualização de marcas, do volume médio de compras e do preço médio dos produtos da cesta básica mostra importantes mudanças no padrão de vida básico do sorocabano. Em primeiro lugar, melhorou a refeição do almoço. Em segundo lugar, as evidências na refeição do almoço indicam que houve substituição de bens inferiores por superiores. É verdade que, na medida em que a pesquisa não incluiu todos os demais bens substitutos e complementares, a substituição de bens na refeição do café da manhã, higiene pessoal e limpeza doméstica não está comprovada. Todavia, não há outra explicação pois, evidentemente, é absurdo imaginar que o sorocabano aceitou trocar mais e melhor carne no almoço por menos café da manhã, higiene e limpeza. Finalmente, os sorocabanos também optaram por trocar de marca, substituindo as inferiores por superiores. Noutras palavras, embora não tivesse sido possível medir, a pesquisa mostra que melhorou o padrão de vida básico do sorocabano.

Entretanto, essa melhora deveu-se principalmente à estabilidade dos preços e até redução em muitos casos. Quer dizer, a continuidade da melhoria do padrão de vida básico está condicionada à persistência da estabilização dos preços, que ainda não está garantida. Isto porque persistem consideráveis incertezas relativas, principalmente, à manutenção da âncora cambial, à ausência do ajuste fiscal e à retomada dos investimentos. Assim, a melhora constatada no padrão de vida básico ainda não está consolidada, podendo reverter-se segundo a evolução do Plano Real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA JR., Paulo N. Dolarização, âncora cambial e reservas internacionais. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 13, n.3, p.51, 1993.

2. BENNET, Peter Dunne. **O comportamento do consumidor**. São Paulo, Atlas, 1980
3. BRESSER, P., FERRER, A. Dolarização crônica. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 11, n.3, p. 41, 1991.
4. CARDOSO, F. H. Plano FHC. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 54.
5. DIEESE. **Pesquisa de orçamentos familiares 1994/95**. São Paulo, ago. 1996. (mimeo).
6. FRANCO, G. Gradualismo e dolarização. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.13, n. 2, p.51, 1993.
7. GALVANI, Claudemir (org.). **Brasil e América Latina no processo de estabilização econômica**. São Paulo: EDUC, 1995. (Cadernos PUC Economia).
8. LAS CASAS, Alexandre Luzzi. **Marketing: conceitos, exercícios e casos**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.
9. MARCHETTI, Renato Zancan, VIEIRA, Sérgio Daunis. **O comportamento do consumidor paranaense ante a crise inflacionária**. Curitiba: Faculdade Católica de Administração e Economia, 1981.
10. MENDOÇA DE BARROS, L. C. Indexação e desindexação: debate a ser retomado. **Rev. Fund. SEADE/SP em Perspectiva**, v.1, n.3, p.38-45, 1985.
11. PAYÉS, Manuel A M. A. Cesta básica em Sorocaba. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 22 , n.1, jun. 96.
12. ———. Notas metodológicas sobre elaboração de cenários econômicos. **Revista Horizontes**, Bragança Paulista, v. 13, n.2, 1995.
13. SAWAYA, Rubens R (org.). **O Plano Real e a política econômica**. São Paulo: EDUC, 1996. (Cadernos PUC Economia).